

Manifesto pela Transnógrafia: escrever o mundo a partir de nós

Ronna Freitas de Oliveira

Nicolau Andreass

A transnógrafia nasce de um misto de recusa e invenção. Criada por nós, Nicolau Andreass e Ronna Freitas de Oliveira¹, duas pessoas trans brasileiras, ela surge como uma linguagem feita de nós e cores². Algo como um novo código, mas que vai muito além disso. É uma afirmação política de que nossos corpos, nossas memórias e nossas formas de existir também têm o direito de inventar suas próprias gramáticas.

A escrita é hegemonicamente apresentada como um território neutro, universal e transparente. Mas sabemos que ela nunca foi. As formas dominantes de registrar o mundo foram construídas dentro de regimes coloniais de conhecimento que decidiram quem poderia falar, quem poderia ser lido e quais experiências mereciam ser arquivadas. Corpos dissidentes foram muitas vezes (mal) traduzidos, corrigidos ou silenciados por esses sistemas.

Quando criamos uma linguagem própria, reivindicamos autonomia sobre como nossas histórias são registradas. Não aceitamos mais que nossas vidas sejam traduzidas apenas pelos códigos de inteligibilidade impostos pela racionalidade ocidental. A transnógrafia afirma o direito de existir sem ser completamente decifrada. Ela reivindica o direito à opacidade, o direito de não ser totalmente explicada.

Durante muito tempo, a modernidade construiu um sistema de conhecimento baseado na transparência absoluta. A diferença era constantemente reduzida a algo que pudesse ser traduzido para a linguagem dominante. A transnógrafia rompe com essa lógica. Ela afirma que nem tudo precisa ser completamente compreendido para que possa existir em relação. Nesse sentido, ela não é apenas uma técnica de escrita. É também uma ética. Uma ética que aceita o mistério, que reconhece a incompletude e que entende que a relação entre corpos e culturas não precisa se basear no domínio ou na tradução total. Na transnógrafia, o sentido não está apenas no que é decifrado, mas também no que é tecido entre os fios da linguagem. Ela protege enquanto comunica.

¹ Idealizada na Residência Artística Transancestralidade (Edital Proac 15/2024).

² Mais detalhes sobre os modos de funcionamento dessa linguagem podem ser conferidos em: Oliveira, R. F.; Andreass, N. Transnógrafia: uma apresentação. *Revista Memória LGBT*, 12(1), 156–168, 2026. <revista.memoriaslgbt.com/index.php/ojs/article/view/166>

As experiências trans no Brasil foram marcadas por processos contínuos de expropriação, apagamento histórico, violência simbólica, morte e tentativa constante de assimilação dentro de modelos normativos de gênero. O sistema de representação moderno construiu narrativas sobre nós que muitas vezes não foram feitas por nós. Criar uma linguagem outra é também responder a essa história. É afirmar que podemos produzir nossos próprios registros, nossas próprias tecnologias culturais e nossas próprias formas de memória.

Nesse sentido, a transnógrafia se conecta profundamente à própria experiência da transição. Transicionar não é apenas um processo individual de transformação corporal ou identitária. É também uma prática coletiva de invenção. Redes de cuidado, saberes compartilhados, estratégias de sobrevivência e formas de imaginar novos modos de vida surgem a partir dessas experiências. Cada gesto de transição é uma pequena reescrita do mundo.

A transnógrafia nasce desse mesmo movimento de invenção. Ela fala, mas também cifra. Ela revela, mas também guarda. Nos fios, nos nós e nas cores, transnógrafia nos lembra que linguagem não é apenas um sistema de representação. É também uma forma de criar mundos. E a escrita se torna uma coreografia de sentidos. Cada linha pode ser lida, mas também percorrida com o olhar e com o corpo. Cada composição pode carregar múltiplas camadas de significado. E, como toda linguagem viva, ela permanece em construção. Esse é nosso convite à experimentação. Seus códigos podem mudar, expandir, se adaptar às necessidades de cada contexto.

A transnógrafia é, antes de tudo, um gesto de insubmissão. Recusamos a transparência que exige nossa tradução constante e reivindicamos o direito de existir em nossos próprios códigos, em nossas próprias opacidades. Esta linguagem não pede autorização para ser compreendida, mas convoca encontros, cumplicidades e novas formas de relação. Porque, enquanto houver corpos que escapam às normas, haverá também linguagens indomáveis. E é nesse território de fuga, criação e mistério que continuaremos escrevendo nosso futuro.

Manifiesto por la Transnografía: escribir el mundo anudándonos

Ronna Freitas de Oliveira

Nicolau Andreass

La transnografía nace de una mezcla de rechazo e invención. Creada por nosotres, Nicolau Andreass y Ronna Freitas de Oliveira, dos personas trans brasileñas, surge como un lenguaje hecho de nudos y colores. Algo así como un nuevo código, pero que va mucho más allá. Es una afirmación política de que nuestros cuerpos, nuestras memorias y nuestras formas de existir también tienen el derecho de inventar sus propias gramáticas.

La escritura es presentada hegemónicamente como un territorio neutro, universal y transparente. Pero sabemos que nunca lo fue. Las formas dominantes de registrar el mundo fueron construidas dentro de regímenes coloniales de conocimiento que decidieron quién podía hablar, quién podía ser leído y qué experiencias merecían ser archivadas. Los cuerpos disidentes fueron muchas veces (mal) traducidos, corregidos o silenciados por esos sistemas.

Cuando creamos un lenguaje propio, reclamamos autonomía sobre cómo nuestras historias son registradas. Ya no aceptamos que nuestras vidas sean traducidas únicamente por los códigos de inteligibilidad impuestos por la racionalidad occidental. La transnografía afirma el derecho de existir sin ser completamente descifrada. Reivindica el derecho a la opacidad, el derecho a no ser totalmente explicada.

Durante mucho tiempo, la modernidad construyó un sistema de conocimiento basado en la transparencia absoluta. La diferencia era constantemente reducida a algo que pudiera ser traducido al lenguaje dominante. La transnografía rompe con esa lógica. Afirma que no todo necesita ser completamente comprendido para poder existir en relación. En ese sentido, no es solo una técnica de escritura. Es también una ética. Una ética que acepta el misterio, que reconoce la incompletitud y que entiende que la relación entre cuerpos y culturas no necesita basarse en el dominio o en la traducción total. En la transnografía, el sentido no está solo en lo que se descifra, sino también en lo que se teje entre los hilos del lenguaje. Protege mientras comunica.

Las experiencias trans en Brasil han estado marcadas por procesos continuos de expropiación, borramiento histórico, violencia simbólica, muerte y constantes intentos de asimilación dentro de modelos normativos de género. El sistema moderno de representación construyó narrativas sobre

nosotres que muchas veces no fueron hechas por nosotres. Crear otro lenguaje es también responder a esa historia. Es afirmar que podemos producir nuestros propios registros, nuestras propias tecnologías culturales y nuestras propias formas de memoria.

En ese sentido, la transnografía se conecta profundamente con la propia experiencia de la transición. Transicionar no es solo un proceso individual de transformación corporal o identitaria. Es también una práctica colectiva de invención. Redes de cuidado, saberes compartidos, estrategias de supervivencia y formas de imaginar nuevos modos de vida surgen de esas experiencias. Cada gesto de transición es una pequeña reescritura del mundo.

La transnografía nace de ese mismo movimiento de invención. Habla, pero también cifra. Revela, pero también guarda. En los hilos, los nudos y los colores, la transnografía nos recuerda que el lenguaje no es solo un sistema de representación. Es también una forma de crear mundos. Y la escritura se convierte en una coreografía de sentidos. Cada línea puede ser leída, pero también recorrida con la mirada y con el cuerpo. Cada composición puede llevar múltiples capas de significado. Y, como todo lenguaje vivo, permanece en construcción. Esta es nuestra invitación a la experimentación. Sus códigos pueden cambiar, expandirse, adaptarse a las necesidades de cada contexto.

La transnografía es, ante todo, un gesto de insumisión. Rechazamos la transparencia que exige nuestra traducción constante y reivindicamos el derecho de existir en nuestros propios códigos, en nuestras propias opacidades. Este lenguaje no pide autorización para ser comprendido, sino que convoca encuentros, complicidades y nuevas formas de relación. Porque, mientras existan cuerpos que escapan a las normas, también existirán lenguajes indomables. Y es en ese territorio de fuga, creación y misterio donde continuaremos escribiendo nuestro futuro.